



Diálogo entre crentes e não crentes: uma comunidade criativa

Inicia-se, hoje, a II edição da NOVA ÁGORA, este ano dedicada aos *Olhares sobre o Trabalho, a Educação e a Arte*. No ano passado, o nosso *Olhar debruçou-se sobre a Economia, a Cultura, a Política e a Família*. Já percebemos que a NOVA ÁGORA são Olhares sobre temas recorrentes que a contemporaneidade suscita e que a todos envolve, pelo que, aqui, todos têm algo a dizer. Portanto, o espírito subjacente à NOVA ÁGORA é o da convocação, é a voz do clarim que toca à carga e que clama por uma visão nova, mais fraterna, em que a palavra descende e se torna acessível a todos, palavra aberta, história comum e caminho dialogante.

Procurar-se-á nestas sessões aludir a algo de novo, sem o sonho quimérico de encontrar a grande novidade; acreditamos que o assunto é do interesse de muitos, visará, pois, o *sentido comum* não de um indivíduo, mas de todos os indivíduos, porque todos querem viver e, pelo certo, da melhor forma possível, daí que a Nova Ágora vise procurar sendas, com consciência histórica, por onde o ser humano possa caminhar. É ainda provável que procure alguma adesão e algum consenso, motivo que requererá um pouco de atenção e bondade por parte de quem se predispõe ao diálogo.

A atitude é simples: basta estar em vigília e saber ouvir com boa fé e, a partir daí, deixar-se ir, em modo de voo, até que as razões mais profundas de viver despertem de novo.

Como é que surgiu a NOVA ÁGORA?

O projeto nasceu a partir do Átrio dos Gentios, iniciativa que decorreu em Guimarães e Braga, em 2012, promovido pelo Conselho Pontifício da Cultura, organismo da Santa Sé, e pela Arquidiocese de Braga, e teve como objetivo suscitar o diálogo entre crentes e não crentes. A partir deste primeiro diálogo, o Sr. Arcebispo, Dom Jorge Ortiga, tomou a iniciativa de dar continuidade a este encontro, promovendo um conjunto de sessões culturais sobre diversas temáticas, que não são mais do que “Olhares sobre...”, a que chamou NOVA ÁGORA, inspirado na praça pública da antiga Grécia (*Agorá*), onde se discutiam diferentes assuntos ligados à vida da cidade (*Pólis*).



O que se pretende com a Nova Ágora?

Apenas um *olhar renovado* sobre o ser humano como um todo, integrado numa história que não o encerre em si mesmo, mas que o abra para o outro e para a transcendência. Só quem olha para atrás é que se depara com a sua história, sabe de onde vem e, em última análise, quem é. E hoje o ser humano não olha e se olha não vê, porque não para para ver. Tudo acontece demasiado rápido. A estabilidade da estrutura da sociedade anterior, onde o futuro era continuação da tradição, não causava distúrbios. Tudo era seguro e previsível. Mas esta forma de viver em sociedade já é passado e a experiência do passado deixou, para os mais novos, de ser útil. Mas nós propomos um novo *Olhar* sobre o ser humano que não cegue e, por isso, que venha de trás para frente... ou seja, que não despreze o passado nem envie o futuro, que respeite a tradição e, simultaneamente, a reinvente, respeitando a verdade de cada pessoa e de cada história, e, neste sentido, a NOVA ÁGORA é um caminho novo que se rasga no nosso tempo.

Porquê a Nova Ágora neste tempo?

Talvez porque é tempo de deixar falar o Espírito (Lucas 12,12). Falar menos e ouvir mais pode ser o início de um longo caminho. Um caminho de aproximação. Talvez também porque chegou a altura da Igreja se renovar. E, como diz o Papa Francisco, a Igreja “sempre se deixou renovar, segundo os lugares, tempos e pessoas”. Talvez porque é tempo de reconhecer, como refere a *Gaudium et Spes*, nº 21, que há gente, do lado de lá da fronteira religiosa, de boa vontade que também é chamada, porque todos o são, à construção do mundo. Por isso, urge o diálogo com o não crente.

Como é possível o diálogo entre crente e não crente?

Acima de tudo através da procura da verdade do ser humano. Sloterdijk diria “Sê tu próprio!” significa “Ajuda-te a ti próprio!” e “Faz com que te ajudem!”, que te ajudem a seres tu, a encontrar-te, digo eu, e por isso, diz Sloterdijk: “Sê tu próprio!” quer também dizer: “Inventai-vos!”. Ora, o ser humano precisa de se reinventar, levantar o seu olhar da sociedade cansada e, para tanto, necessita de parar. É preciso voltar à reflexão sobre a essência da vida e das coisas, sem pressas, sentar-se como se encontrava Jesus a ensinar a multidão (Lucas 5,3), para fazer, como diria Guardini, “cada coisa tal como exige a sua verdade”.

Dialogar sobre a verdade de cada ser humano é, assim, abrir horizontes novos que suscitam o encontro com o mistério humano. E o humano, por sua vez, inspira de forma criativa um conceito claro, preciso e vivo de transcendência. Por isso, neste lugar comum que une crentes e não crentes que é a procura da história e da singularidade do ser humano, podemos encontrar a surpresa de Deus.

P. Eduardo Duque, coordenador da Nova Ágora